

Arte e tecnologia na 34ª Bienal de São Paulo em Belém do Pará¹

Yasmin Cabral Gomes²

Resumo

Esta pesquisa desenvolve um diálogo entre arte e tecnologia, tendo a 34ª Bienal de São Paulo como fio condutor. Desta forma, propõe-se uma análise de duas obras expostas na presente exposição sendo elas *Chronicles* (2010) e o enunciado *Hiroshima Mon Amour* (1959), ambas realizadas por artifícios tecnológicos. Além disso, a análise propõe uma conexão entre os conceitos de ciberultura e midiatização propostos por autores como André Lemos (2005) para melhor compreensão de como estes trabalhos foram possíveis através da tecnologia e como estes desenvolvem um discurso entre o espaço expositivo e o visitante. Apresenta-se também, uma breve história da arte moderna e sua relação com a fotografia como primeiro elemento tecnológico e suas rupturas, deslocando-se para um breve parâmetro sobre a história da Bienal de São Paulo até a presente edição ocorrida em Belém do Pará na qual este artigo relaciona-se.

Palavras-chave

Bienal de São Paulo; Arte e tecnologia; Arte contemporânea; Belém.

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático de Eixo Temático A - “Arte em eventos climáticos extremos” do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA) e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA), Especialista em História da Arte (Faculdade Multivix), Licenciada em Artes Visuais (UNAMA). Curadora e pesquisadora. E-mail: yasmincg@yahoo.com.br.

Abstract

This research develops a dialogue between art and technology, with the 34th Bienal de São Paulo as a guiding thread. Thus, it proposes an analysis of two works exhibited in the present exhibition, namely *Chronicles* (2010) and the statement *Hiroshima Mon Amour* (1959), both created using technological devices. In addition, the analysis proposes a connection between the concepts of cyberculture and mediatization proposed by authors such as André Lemos (2005) to better understand how these works were made possible through technology and how they develop a discourse between the exhibition space and the visitor. It also presents a brief history of modern art and its relationship with photography as the first technological element and its ruptures, moving on to a brief parameter on the history of the Bienal de São Paulo up to the present edition held in Belém do Pará, to which this article relates.

Keywords: Bienal de São Paulo; Art and technology; Contemporary art; Belém.

Introdução

O presente artigo propõe um diálogo entre arte e tecnologia fundamentados pelos conceitos de cibercultura, para tal, apresenta-se duas obras expostas na edição itinerante da 34ª Bienal de São Paulo que pela primeira vez, chegou à região Norte do país no ano de 2022 em Belém do Pará. A escolha se fez a partir de uma reflexão acerca do espaço expositivo e suas formas de exposição, que intensificam suas relações com a tecnologia dia após dia.

Este artigo fomenta-se por três tópicos, sendo o primeiro deles um breve panorama das rupturas ocorridas através da história da arte moderna alavancando pontos importantes como a quebra das tradições acadêmicas, a chegada da fotografia e as novas abordagens artísticas produzidas através dela. Em seguida, chega-se ao ponto chave desta pesquisa ao iniciarmos um sucinto parâmetro através da formação da Fundação Bienal de São Paulo e algumas informações significativas até a presente edição. Por fim, abre-se passagem para algumas colocações entre os dois trabalhos apresentados no terceiro tópico desta pesquisa, assim como possíveis

proximidades conceituais e práticas entre as formas de comunicação, o espaço expositivo e as obras.

Para a desenvoltura desta pesquisa, aplica-se como metodologia uma análise de duas obras na qual foram expostas na 34ª edição da Bienal de São Paulo em Belém, sendo estas, *Chronicles* (2010) e o enunciado *Hiroshima Mon Amour* (1959), com o propósito de explorar suas relações e proximidades entre a arte e tecnologia, assim como suas formas de comunicação para com o espaço e o público, tendo como auxílio, autores oriundos da Comunicação como André Lemos (2003) e Luís Mauro Sá Martino (2014), como forma de contribuir e aguçar as possíveis realizações e observações das obras.

Finalmente, objetiva-se uma perspectiva entre as rupturas acontecidas durante o período da Arte Moderna e o que podemos encontrar desses rastros herdados desses rompimentos, deslocando o visitante de seu papel passivo para um papel ativo nas exposições e nas obras propostas pelos artistas, e como os conceitos de ciberultura possam vir a ser aplicados através destas (ainda) novas formas de comunicar-se e expressar-se através da arte.

A Arte Moderna e os seus breves desdobramentos tecnológicos

Com a quebra das tradições acadêmicas impostas pelas Belas Artes e a então chegada da Fotografia na década de 80, muitos artistas passaram a melhor explorar suas produções sem a responsabilidade de imitação ou idealização da realidade, caminho percorrido inicialmente pelos Impressionistas, estes que ousaram em percepções emblemáticas a partir da observação ao ar livre e do uso de cores complementares para causar a ilusão de movimento entre as formas. Deste modo, o Impressionismo impulsionou inúmeras novas experimentações e diferentes modos de pensar e fazer uma pintura (Gombrich, 2001).

O artista que por muitas décadas era o principal meio de registro, passou a questionar-se e a refletir sobre seu próprio Eu e sobre as suas próprias produções, visto que naquele momento, a fotografia passou a ganhar popularidade e a se tornar desejável para a documentação pessoal. Partindo desse sentido, “o artista, ou melhor, o homem de imaginação, será honrado pelo o que

for capaz de criar” (Battcock, 1969), o que futuramente irá evoluir para movimentos desconstruídos como o cubismo e dadaísmo.

Retornando, a primeira nova reflexão acerca do novo papel do artista surgiu na França, através do movimento Impressionista (1865), mais especialmente por Édouard Manet (1832-1883) ao abandonar o método tradicional de sombras suaves em favor de contrastes rígidos e intensos, resultando em desaprovação entre artistas conservadores, críticos e público, o que se fez durante o Salão dos Recusados em 1863 (Gombrich, 2001).

O Impressionismo torna-se uma peça chave para compreensão da reflexão e percepção da vida através da arte, intensificando-se a partir de Claude Monet (1840-1926), que motivou os seus amigos à abandonarem o ateliê (vale lembrar que o ato de pintar em ateliês também foi implantado a partir das regras Acadêmicas) e começarem a pintar ao ar livre, um das práticas que moldou os conceitos Impressionistas conhecidos até os dias atuais. Monet, assim como os demais, usufruíram-se da observação das cores e suas mudanças naturais para compreender como a influência da luz e sombra através do sol, proporciona diferentes resultados.

Décadas seguintes, com a evolução tecnológica e a intensificação das massas, os artistas passaram a cada vez mais explorar novas formas de representação e expressão. A arte tornou-se um artifício político poderoso, capaz de gerar incômodos, debates e ponderações pertinentes, além disso, a arte passou a ser cada vez mais próxima do público, do cotidiano e da vida, logo, os artistas passaram a apropriar-se de elementos reais do dia a dia para compor os seus trabalhos e gerar questionamentos, prática adotada pelos Dadaístas (1916).

O feito de aproximar a arte e a vida tornou-se o principal sentido do fazer artístico, logo, a tecnologia antes não bem recebida pelos artistas, também passou a ser um meio de produção artística e de expressão. A fotografia que com o desenvolver do tempo, tornou-se acessível ao público e cada vez mais presente no dia a dia, fomentou um novo modo de pensar através dela. Yves Klein (1928-1962), ficou mundialmente conhecido pela famosa fotografia “Um salto no Vazio”, na qual o próprio artista está saltando de um edifício, de braços abertos e direcionando-se para o chão, o que à primeira vista, causou pânico ao público.

Na verdade, a fotografia trata-se de uma montagem realizada pelo artista com a ajuda da esposa e de alguns amigos, na qual registraram o momento do salto de Klein enquanto esperam-o abaixo do edifício com uma lona para amortecer sua queda. A imagem gerou repercussão e é um bom exemplo de como a fotografia abandonou seu único propósito documental, para também, ser um elemento de comunicação. Com a obra de Klein, questiona-se se de fato, a fotografia é um registro da realidade, cujo reflete-se a verdade absoluta de um instante ou se também, pode-se ser enganosa através do auxílio dos meios tecnológicos de edição de imagens.

A ruptura dos padrões clássicos da fotografia, também desenvolveu-se para o audiovisual. Nos dias de hoje, estamos imersos às novas tecnologias, presentes de forma indispensável, dessa forma, impregnadas também ao universo das artes que passou a combinar diferentes formas de produção, cada vez mais tecnológicas. O conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações é o principal conceito de ciberultura, o que engloba, segundo o termo utilizado pelo autor André Lemos (2005), uma “re-mixagem” destes diferentes meios.

Diante a modernidade, a ciberultura e a arte se encontram através dos diferentes e novos meios de produção, mas também através das apropriações de trabalhos já existentes e recombina-los em suas obras, deixando de lado, a noção de autoria e propriedade, quase como uma terra sem lei, onde não há mais autor, original e obra (Lemos, 2005).

Sendo assim, a arte atribuída aos conceitos da ciberultura-remix discutida por Lemos, condiz em produzir, distribuir e reciclar conteúdos digitais, quase como uma continuidade aos conceitos impostos pelos dadaístas em meados de 1916, intensificado pela produção em massa da pop art em meados de 1950 pelas grandes publicidades, resgatando elementos-desejo para aplicá-los em diferentes produtos, contexto similar ao que o autor Stig Hjarvard (2012) pontua ao falar de Miatização através dos novos formatos comunicacionais.

Para Hjarvard, a midiatização aponta para a interação entre os meios de comunicação e a sociedade, referindo-se em alguns casos, ao crescimento progressivo da influência da mídia na sociedade contemporânea, afetando os sentidos de intervenção tanto na mensagem quanto na relação entre emissor e receptor, sendo a midiatização um processo a longo prazo na qual os

modos de interação são alterados como consequência do crescimento da influência dos meios comunicacionais (Hjarvard, 2012).

As novas formas de criação artística como pontuada por Lemos, são um dos principais expoentes da cibercultura, novamente, através da recombinação de elementos que na contemporaneidade, impulsiona-se por meio do audiovisual, impulsionando processos coletivos e interativos, entre as noções de espaço e tempo, entre espectador e autor, a novidade se faz não especificamente nestas recombinações, mas no poder de seu alcance e como estas podem interferir em uma comunidade e/ ou espaço (Lemos, 2005), como exemplo, na 34ª Bienal de São Paulo e suas muitas facetas audiovisuais.

Faz escuro mas eu canto: a 34ª Bienal de São Paulo em solo Paraense

Com a então desenvoltura da arte moderna ao redor do mundo, tinha-se como maior propósito, uma solidificação da arte moderna e contemporânea no Brasil em diálogo com obras e artistas mundialmente conhecidos, tendo a cidade de São Paulo como ponto norteador desta conexão. A Bienal de São Paulo ao longo dos seus 70 anos, tornou-se indispensável para apresentar e pensar a arte dos dias de hoje, além de ser o principal evento de artes plásticas no Brasil, além do desejo da formação de uma indústria cultural e a expansão dos meios de comunicação (Sampaio, 2022).

Surgindo após a Segunda Guerra, em outubro de 1951, a 1ª Bienal tem sua inauguração no Parque Trianon, iniciando-se com 228 artistas de 25 países e 1.800 obras, além da forte ligação com os Estados Unidos, através do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa) e com a presença de diversos e notáveis artistas como o expressionista-abstrato Jackson Pollock (1912-1956).

Até os anos 60, a Bienal fomentava-se através do Museu de Arte Moderna (MAM), tornando-se uma instituição independente por Mário Pedrosa– diretor geral da época com o decorrer dos anos, além de trazer obras de grandes artistas como Piet Mondrian (1872-1944), Pablo Picasso (1881-1973), Marc Chagall (1887-1985), Vincent Van Gogh (1853-1890) e René Magritte (1898-1967), além de artistas nacionais como Lygia Clarck (1920-1988) com os seus famosos Bichos.

Em “Faz Escuro mas eu Canto” (Figura 1) o programa de mostras itinerantes da 34ª Bienal de São Paulo percorre ao todo, 11 cidades do Brasil e do mundo, chegando pela primeira vez em solo paraense em Belém do Pará, de setembro à novembro de 2022 no Solar da Beira, localizado no Ver-o-Peso, principal ponto turístico da cidade, embasado por dois enunciados que guiam a mostra, além de nove artistas de oito países diferentes.

Figura 1 - Vista da 34ª Bienal de São Paulo exposta no Solar da Beira em Belém do Pará, 2023.



Fonte: Acervo Bienal de São Paulo

Com a então desenvoltura da arte moderna ao redor do mundo, tinha-se como maior propósito, exposição tem como principal objetivo, uma amostragem dos desafios do cotidiano e da necessidade da arte como um campo de resistência e transformação, além de ações educativas que possam vir a fortalecer os laços entre cultura e educação, a fim de alcançar novos e diferentes públicos, tendo esta edição em especial, pela maior participação de artistas indígenas. Ao visitar a exposição, há uma imersão sensorial disposta no espaço, na qual convida-se o visitante a permitir-se mergulhar mais a fundo nos enunciados propostos e aguçar suas emoções, entre obras e sentidos, além dos muitos sons transmitidos pelo espaço expositivo provenientes dos diversos trabalhos em audiovisual na qual circulam a todo o momento, chamando a atenção

para esta diversidade de produções tecnológicas.

Hiroshima Mon Amour (1959)

Um dos enunciados da 34ª Bienal de São Paulo, conduz-se através de um trecho cinematográfico do filme em preto e branco de Alain Resnais (1922-2014) titulado Hiroshima Mon Amour, produzido em 1959 (Figura 2). O trecho exhibe os momentos iniciais do filme, apresentando uma relação íntima entre dois amantes, enquanto conversam dramaticamente sobre as lembranças da jovem francesa Ela, na qual relata suas visões acerca das catástrofes ocorridas em Hiroshima 15 anos após o ocorrido, apresentando elementos da cidade antes e depois dos bombardeios, passando-se por entre museus, hospitais e fotografias documentais. Vale ressaltar que a expografia do museu apresentada no filme, chama a atenção pela semelhança expográfica com a da Bienal.

Figura 2 - Cena do filme Hiroshima Mon Amour (1959)



Fonte: Fragmento do filme original

A maior complexidade se faz a partir do fato de que nenhum deles estava em Hiroshima no dia do ataque com eclosão da bomba atômica, mas que vivem e revivem o momento do ocorrido num outro presente, o trauma que atingiu uma coletividade passa a tornar-se um recordar,

causando uma tensão entre a memória coletiva e a memória individual, além das possibilidades do esquecimento através do lembrar e vice-versa (Bizello, 2008). Além disso, o filme é um jogo entre o vivenciar e o imaginar, o sentir e o experienciar, que apesar de não ter ocorrido em ambas as partes, torna-se impactante e comovente através das lembranças de Ela, que deixam de ser individuais, para serem coletivas, visualizadas e sentidas por seu amante.

Segundo o site oficial da 34ª Bienal de São Paulo, o trecho torna-se um dos enunciados a partir do contexto em que um museu pode relatar através de suas obras, nesse sentido, o museu é comparado com ruínas, cicatrizes, objetos e fotografias, elementos que possam vir ou não, a aproximar o espectador de não apenas possíveis explicações, mas “apalpar a opacidade e a intraduzibilidade do testemunho” (Fundação Bienal, 2022), que assim como no filme de Resnais, encadeia-se uma série de relações entre a memória e o presente, o que claramente é conduzido por um museu, e aqui, pela Bienal de olhar atento para o futuro sem esquecer o passado.

Chronicles (1959)

Outro trabalho cuja relação entre arte e o audiovisual faz-se de forma intensa, é apresentado pela artista Haris Epaminonda (1980). Em *Chronicles* (2010), a artista propõe uma série de televisores antigos lado a lado formando uma linha direta, na qual são exibidos pequenos curta-metragens em Super 8, que a artista produziu por vários anos e em diferentes localidades, suavemente sonorizados originalmente com os ruídos da natureza.

Epaminonda apropria-se de artefatos antigos como esculturas (Figura 3) e fotografias Polaroid para encarnar rastros de um tempo perdido, que assim como no filme de Alain Resnais, são provocados pela memória e por seus efeitos. Os curtas seguem em exibição por um loop, com comprimentos variados e combinações de imagens que não se repetem, sendo cada televisor, uma possível continuidade ou um novo universo narrativo, convidando o espectador a descobrir ao longo que passeia por entre estas televisões, com a possibilidade de até, sentar em frente a eles, devido aos bancos disponíveis pela exposição.

As instalações de Epaminonda foram expostas em um canto tímido da 34ª Bienal em Belém,

do lado de trás de outros trabalhos e próximo de uma das janelas do Solar da Beira, coincidência ou não, um espaço mais intimista na qual dialoga de forma mais intensa entre obra e visitante, sendo um ponto interessante também comentado pela artista ao considerar “o espaço expositivo como parte do trabalho” (MoMA, 2012) o que talvez possa vir a explicar sua localidade em meio ao vazio.

Figura 3 - Televisor parte da instalação Chronicles na 34ª Bienal de São Paulo em Belém



Fonte: Registro da autora

A reprodução dos curtas é captado por Epaminonda de forma poética, sutil e delicada, que à primeira vista, tem-se a impressão de não parecer nada demais por tamanha simplicidade, resultando em uma necessidade de pausa diante o visitante, de levá-lo a enxergar o que até então parecia insignificante com a possibilidade de junções de diferentes narrativas e mundos imaginários, permitindo que o espectador seja um explorador da mesma forma que a artista.

Considerações Finais

A 34ª Bienal de São Paulo em Belém apropriou-se firmemente das relações entre arte e tecnologia, visíveis não apenas nas obras em exposição e abordados anteriormente, mas também através das formas de comunicação para com o público e para com a sua percepção. As conexões entre a tecnologia e a arte são diversas e percebidas assim que o visitante encontra-se no espaço expositivo, que de imediato, é envolvido por uma outra atmosfera, que faz-se a partir dos sons

dos audiovisuais exibidos e que ecoam por todo o lugar e também, a partir dos televisores na qual apresentam estas obras, aqui, a televisão deixa seu lugar comum de eletroeletrônico para tornar-se parte da obra, seja de um modo ativo (Chronicles) ou de um modo passivo (Hiroshima Mon Amour).

Percebe-se no presente parâmetro, a ajuda fundamental da tecnologia para, no caso de Epaminonda, reforçar suas narrativas com o apoio do televisor que também exhibe suas filmagens, sendo indispensável para a realização de sua produção. Já em Hiroshima Mon Amour, há uma passagem entre deixar de ser um filme para tornar-se enunciado, transformando-se também em obra a partir do momento em que comporta-se na parede e torna-se um fio condutor da exposição.

Nesse contexto, tal deslocamento também resulta-se em um novo sentido para o filme, que aqui, faz o papel de obra artística e reforça os demais elementos de interação, sendo também um exemplo possível aos conceitos de cibercultura ao reunir um fluxo contínuo de ideias, práticas e ações entre pessoas a algum dispositivo (Martino, 2014) sendo a presente situação, os televisores e os visitantes ao compreenderem de forma mais eficaz a seguinte mostra através destes, fortalecendo uma comunicação e interação entre espaço, obras e público que talvez, sem a tecnologia não fosse e/ ou não houvesse a mesma força na qual o artista e instituição pretendem, sendo aqui, um retrato da arte do futuro com os pés muito bem colocados no presente, mas sempre em diálogo com o passado.

A 34ª Bienal de São Paulo em Belém é um perfeito exemplo de relações entre exposição e público. Para além do que proposto neste artigo, podemos refletir sobre a localidade na qual a Bienal escolheu permanecer, no coração de Belém no Mercado Ver-o-Peso, local de venda e compra de alimentos, especiarias, roupas e outras mercadorias.

Como belenense e parte de um circuito artístico, vejo que a Bienal não escolheu exibir sua mostra no complexo Solar da Beira por acaso, pois desta forma, as barreiras impostas de uma arte idealizada e intocável, novamente são descartadas ao aproximar vida, arte, artista e público, devolvendo a arte para o povo o que sempre lhe pertenceu, abraçando diferentes públicos e



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

convidando-os a fazer parte deste universo que também fala sobre suas lutas cotidianas, desenvolvendo como dito anteriormente, uma comunicação intensa entre estes o que se repete também na tecnologia, que tornou-se um instrumento cada vez mais acessível para todos, diferente de décadas atrás como foi citado no exemplo da fotografia.

Cada vez mais, as exposições deixam seu lugar comum de apenas fomentar obras, para também oferecer um mergulho profundo e intimista para o visitante, que há muito deixou de ser um elemento passivo para tornar-se parte e da obra, apropriar e intensificar a voz daquele espaço e também a sua própria que tornam-se uma só voz. A memória e a complexidade como fios condutores em Hiroshima e Chronicles também se faz na contemporaneidade ao prezar, valorizar e espelhar-se nos confrontos do passado para garantir um presente e futuro sólidos, múltiplos e diversificados, desde o modo de produção à comunicação que afetar os demais.

Finalmente, também é interessante pensar o artifício tecnológico como forma de intensificar os universos artísticos contemporâneos. A sonoridade presente na 34ª Bienal de São Paulo, desenvolve uma atmosfera convidativa e sensorial ao longo da visita do espectador, que enquanto caminha livremente pelo espaço, houve rastros das possíveis obras audiovisuais, que enfrentam-se e causam um novo embate ou conflito, o que também reflete na tecnologia. Embate ou conflito? Cabe a nós, os meros visitantes da exposição da vida, decidir.

Referências

34^a **Bienal em Belém. Bienal de São Paulo**, 2022. Disponível em: <http://34.bienal.org.br/itinerancia/9996#:~:text=Pela%20primeira%20vez%2C%20o%20programa,20%20de%20novembro%20de%202022>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

ARGAN, Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992. ISBN 9788571642515.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: Uma História Concisa**. São Paulo. Martins Fontes, 2001. ISBN 8533614640.

BATTCKOCK, G. **A nova arte**. [s.l.] São Paulo: Perspectiva, 1986.

BIZELLO, Maria Leandra. **Hiroshima mon amour: Memória e Cinema. Baleia na rede**, vol. 1, n. 5, 2008.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16^a. ed. Rio de Janeiro. LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora. 2001. 688p. v. 1. ISBN 9788521611851.

HJARVARD, Stig. **Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. Matrizes [en linea]. 2012, 5(2), 53-91[fecha de Consulta 21 de Junio de 2023]. ISSN: 1982-2073. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143023787004>

LEMONS, André. **Cibercultura Remix. seminário “sentidos e Processos: redes: criação e reconfiguração”**, São Paulo, Itaú Cultural, 2005. Available at <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>.

MARTINO Sá, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2015. ISBN 9788532647405.

MARTINO Sá, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2015. ISBN 9788532647405.

Projects 96: **Haris Epaminonda**. MOMA, 2012. Disponível em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1137>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

SAMPAIO, Matheus. **Um Panorama sobre a 34^o Bienal de São Paulo**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/62981>. Acesso em 27 de julho de 2023.